

Director-Editor FERREIRA DA SILVA quem deve ser dirigida toda a correspondencia

Endereço telegrafico ALGHARB - Faro

do se restituem originaes, sejam ou não publicados, e não se aceitam informacoes anonimas

Redacção e administração Rua de Alportel n.º 27

O ALGARVE

SEMANARIO INDEPENDENTE

Domingo, 7 de agosto de 1921

ASSINATURAS

Pagamento adiantado Portugal, Ilhas e Hespanha 6 mezes... 1:00 Colomas e Estrangeiro... 2:00

COMUNICADOS E ANUNCIOS Na 3.ª e 4.ª pagina, cada linha \$10 Nas outras paginas, contrato especial Composto e impresso na Tipografia d' O Algarve RUA DE ALPORTEL, N.º 23 - FARO

PROMESSAS

De Lisboa (Carta semanal)

Mais uma revolução... adiada. Lisboa sem agua e cheia de lixo. Uma obra patriótica e educativa.

Diz o rifão - «Mais vale um na que dois te darei». E' o so do governo e da sua declaração ao Parlamento.

Realmente, o paiz tinha o dito de esperar do sr. Barros Queiroz, que não é um bacharel, e não é um homem sabido das orias, coisa bem diferente. O

Barros Queiroz, que é um homem sabido das oficinas e dos criterios de comercio, tinha obrigação de nos dar coisas praticas, coisas bem diversas desse amontoado de promessas falazes e

as que não é capaz de traduzir a factos. E não é capaz porque do aquilo é muito para um governo só, mesmo que lá o deim estar o decuplo do tempo

que é costume. Aquilo será o programa de partido, ramado e cheio de banalidades pa-colher eleitores ou caçar adeptos, mas é utópico e largo de lis para plano de governo.

E é por isso, exactamente, que improprio do sr. Barros Queiroz, e, homem de industria e de mercio, se nos revela, não o nico, o pratico que a gente estava, mas o homem cheio de lavras que ao balcão pretende vencer o cliente da beleza da

tenda em que ele é o primeiro não acreditar, mas que precisa pingir.

Dir-nos-hão que o sr. presidente ministerio alguma coisa ti-a que dizer ao apresentar-se Parlamento. Concordamos, e, por ter seguido as pizadas todos, é que nos causa estranheza e desgosto. O paiz está to daquelas banalidades elei-ras e vigaristas em que se promete mundos e fundos m a certeza de não poder cum-prir e com uma falta de sinceridade e de verdade que é repug-nante e impropria de pessoas de m.

E, se, entre nós a politica não se o que é, o sr. Barros Quei-teria assinado letras, teria trahido compromissos, que im-criariam uma ruidosa falencia indulgenta.

Mas a politica em Portugal nea inutilizou ninguem, dada uela regra e aquela norma a de todos os seus militantes se costumam invariavelmente - «Ho-por mim, amanhã por ti».

Assim, o sr. Barros Queiroz, mo todos, tem a sua carreira assegurada apesar de tão ruidoi-mente ter provado que as suas impanhas de opposição e a sua putação de homem pratico e spido das bacharellicas que em levado o paiz á ruína, não searam de puras fantasias dos e, o tem feito subir até onde lá.

Felicitações

Fez exame de admissão ao li- ficando aprovada, a menina ulisa da Conceição Serrão e va, filha do nosso amigo J. reira da Silva, director d' O garve, a quem apresentamos os ssos sinceros parabéns.

Aproveitamos a occasião para ctar tambem a distinta profes- ra sr.ª D. Maria Carolina Vie- ra, que pelo seu trabalho e pela dicação e carinho inteligente ensino das suas alunas teve o razer de as ver todas aprovadas,

Os últimos dias foram ferteis em boatos, segundo os quaes teriamos em breve uma nova re- volução politica. Dizia-se até que a mesma seria provocada pelos ele- mentos sidonistas e populares e que eles contavam já com a vitória. Houve até um alto funcionario da policia de segurança do Estado que assim o garantiu por interme- dio duma entrevista que fez suc- cesso.

Afinal o anunciado movimento ficou uma vez mais... adiado, e a cidade pode dormir mais umas horas de tranquillidade... pelo menos relativa.

Nunca supuzemos que outra coisa succedesse, por isso que vè- mos o momento politico actual muito dubio e nada favoravel para facil mudança de aspecto partidario.

O governo do sr. Barros Quei- roz se tem feito asneiras (e inzon- testavelmente as fez, pois não ha nenhum perfeito e já deu como mostra a «blague» do empresti- mo dos «dollars») só poderá, cair por um bem dirigido ataque parlamentar, perante factos, e nunca por simples pronunciamentos militares ou populares.

Porque a verdade é que o sr. Queiroz, tal como os seus minist- ros, tem uma grande coisa a seu favor: a honestidade e a contem- porização com que tem exercido o governo.

Isto que é muito na vida publi- ca de um homem, é uma magni- fica taboa de salvação para um ministerio.

Aguardemos, pois, o que faz o parlamento onde os trabalhos não entraam ainda em actividade poli- tica.

E' raro o dia em que o lisboeta não acorda sem agua no respectivo contador. A companhia pre- textando a insuficiencia dos seus depositos e «muchas cosas más», vac provocando, de quando em quando, uma falta do precioso liquido. D' ai a afflicção das donas de casa, os perigos dos incendios, e o jdgal dos galatos que fazem mister de carregar agua dos chafarizes em bilhas que vendem por bom di- nheiro.

As ruas, que, graças ao bom cuidado da edilidade lisboense, já não eram um primor de higiene, estão-se torando agora quasi in- transitaveis, pois, por falta de agua para regas e falta de pessoal para limpezas diarias, as poeiras e os lixos acumulam-se.

Temos por vezes a impressão de residirmos ainda em Faro...

Providencias ninguem as pede, porque, com justiça, o julgam inu- til.

Na verdade esta vereação, onde contamos alguns velhos amigos, tem procedido muito pouco de harmonia com os interesses dos municipios. A sua missão tem sido só destruir. Haja em vista a infeli- z transformação do Rocío...

Pela pena illustre da sr.ª D. Emilia de Sousa Costa, esposa do conhecido escritor Sousa Costa, O Seculo publicava ha dias numa das suas edições da noite, um in- teressante artigo acerca dos livros infantis. E dizemos interessante, não só porque abordava um as- unto de que poucos se lembram nesta epoca de egoismos e de falencias moraes, como porque des- fazia, com belos dados, uma das lendas por ahi divulgadas e se- gundo a qual se pretende insinuar que em Portugal não existe lite- ratura infantil.

Existe, sim senhores, e tanto existe que os nossos autores reün-

tamente intantis já somam uma parc. la regular, e já muito apre- ciavel.

Ainda hoje o correio nos trou- xe a prova daquelas afirmações. Recebemos da nossa antiga ami- ga e desvelada escritora sr.ª D. Ana de Castro Osorio um novo volume da sua vastissima e velha collecção Para as crianças, de que se acham publicadas, com pleno ezito, 19 series.

Este volume intitula-se Os dez abósnhos da tia Verde-Agua, e compreende um lindo conto que muito entretém e instrue as crian- ças. Leal da Camara fez para ele umas soberbas illustrações que tornam o livro encantador. E' sem duvida um magnifico brinde que os pais podem fazer a seus filhos ou os professores a seus alunos.

Já antes daquele a mesma se- nhora nos oferecera um outro volume A Princesa Muda, cuja leitura é igualmente recomendavel.

Se o leitor quizer adquirir al- gum destes volumes ou doutros já anteriormente publicados, pode dirigir-se ao escritorio da sr.ª D. Ana Osorio—Rua do Arco do Limoeiro, 17, 1.ª, em Lisboa.

Contribuirá assim para a divul- gação duma obra eminentemente educativa e patriótica. J. F. S.

O PERFUME

Ha perfumes discretos, subtrís, graciosos, como um colchicar de amor, galante, aristocratico e dis- tinto e ha perfumes berrantes, co- mo os aneis dos novos ricos e como os vestidos exagerados de certas mulheres belas propositada- mente excitantes.

Pelo perfume, como pelo rodar da carruagem se distingue quem passa e o perfume, como o es- tilo define a pessoa.

Recorda-nos isto a proposito de uma scena a que na quarta feira passada, sem prazer assistimos.

Foi a chegada do general Gomez da Costa. De uma das ruas que da estação do caminho de ferro conduzem á rua do Infante D. Henrique, desembocou o se- quito numeroso e brilhante que na estação esperava o general e o seguiu até ao Grande Hotel. A alta estatura desempenada e mar- cial do general dominava o con- junto, que, ao entrar no Hotel, fez uma paragem em frente da porta.

De longe vinham os acordes da marcha que a banda que fora es- perar o general á estação execu- va a caminho do quartel. O especta- culo se não era imponente era, pelo menos, agradável para os olhos e para os ouvidos e delicia- va os raros baduads que a hora matinal não tivera bastante força para afastar.

A este espectáculo grato aos olhos e doce aos ouvidos, a esta solenidade manual e paga, não quiz a Camara nossa senhora de- nar de prestar o seu concurso, a nota preciosa da sua colaboração bem distinta. E, assim é que, logo a seguir, comandado por um velho boieiro seco, alto, direito e sujo, de aguilhada ao hombro, de semboçou tambem, quasi no coice do cortejo, como um coche de gala puxado por um velho boi amarelo e paciente, um dos lindos frascos de perfume penetra ante com que ela delicia diariamente sob o sol alto e sob o calor arden- te destas manhãs estuvas, as fal- culdades olfativas e visuaes dos cidadãos extremunhados e dos turistas pouco madrugadores.

UMA TENTATI- VA DE ARTE

No «Correio do Sul», da sema- na passada, apresenta o distinto official da armada, sr. Sebastião da Costa, que é tambem um dos meliores escritores algarvios e um espirito de invulgar cultura literaria e artistica, as diligencias efe- ctuadas por S. E. x.ª para a forma- ção em Faro de uma sociedade de concertos destinada a instituir no meio algarvio um centro artís- tico musical e theatral em que sejam ouvidos os mais reputados artistas nacionaes e estrangeiros.

E' digno dos nossos maiores elogios, o trabalho do illustre algarvio para fazer ascender a sua terra a essa dignidade artistica que a elevaria muitissimo no con- ceito de todos os que se preocu- pam da cultura de espirito e especialmente em terra em que a maioria se preocupa mais da cul- tura de coisas materiaes e tangi- veis.

Receiemos porem, e muito, que tão louvavel iniciativa não seja corçada do exito que para bem de todos era necessario que tivesse. Este recio não vem de um pal- pite, é uma deducção logica das circunstancias da sociedade actual e dos factos que diariamente ve- mos deslizar.

A sociedade farense, como a de todo o mundo, mudou muito nestes seis anos transcorridos. Os que eram ricos, os que antigamente podiam fazer sem gene, e faziam generosamente, donativos para auxiliar todas as tentativas de arte e todos os empreendimen- tos de cultura literaria ou arti- stica, não são hoje os que na escala dos valores monetarios ocu- pam os primeiros logares. Passaram a um plano inferior, e as circunstancias da vida não lhes permitem as antigas e generosas dadivas que á sua educação e o seu meio lhes impunham até, para lustre da sua reputação.

Para os primeiros logares na escala de valores sonantes ou rí- malhantes, passaram outros para quem a musica moderna é um ruído incomodo, por se não parecer com a Maria Cachucha, nem com a Maria da Fonte nem com a Margarida vae á Fonte; para quem a literatura é uma coisa enfadonha que lhes exige seletar de mais e para quem os quadros modernos são muito inferiores áquelas pin- turas simplistas e vividas cheias de barcos em marés de ondas tenebrosamente pintadas, que cercam os altares das santas mila- grosas da sua devoção!

Qua desses, dos narilins como lhes chamam os japoneses, aludindo ao seu jogo de xadrez em que o simples peão de madeira se transforma em peão de ouro, desses, nada tem os amigos da arte a esperar, a não ser como es- pectadores para mostrarem que tem dinheiro, para ir onde vae a melhor sociedade. Porque (les não podendo modificar o interior tratam de por todas as formas o disfarçar com o exterior.

Ainda não ha muitos dias que a gente ahi os viu de chapéu alto e de luvas fechadas na mão com que trazia a vara do guião dos Passos ou a vara do barco!

E o chapéu? Parecia uma torre em equilibrio sobre o tóutico! Muita mais difficil de trazer que um sacco de sal!

Era o interior do homem em briga com todo aquele disfarce da civilização. Quand ou chasse le na-

O homem, o boi e a carroça passaram imponentes, desdenhosos e indifferentes, ante os olhos surprezos do general atacado pelo perfume que era peor que os gases asfixiantes que ele experimen- tava na guerra e rente das fardas chamarradas de ouro e de cruces de honra. Alguem que estava proximo disse bem alto: —Senhores! é a camara que passa e dá os bons dias! Pois... viva a senhora camara!

PAROLANDO...

O Eugenio na literatura

«A Serenata de Mefistofeles, e as razões pelas quaes o successo em Portugal não correspondeu aos meritos reaes da obra do sr. Marcos Algarve. Os maus versos e os bons versos. Os poetas e os criticos. Os officiaes do mesmo officio. A inveja em symbiose com os bons sentimentos. A troça de Mefistofeles ao sr. Marcos Algarve e as referencias elogiosas ao sr. Manoel Caetano de Sousa»

Ora a notavel obra de José Dias Sancho, não entra nessa categoria, mercê do talento incontestabilissimo do autor.

O Mefistofeles da Serenata sem ser ironista sangrento é seguramente um satirico no genero do mestre Rapa das Intrigas no Bairro, com que Luiz de Araujo, immortalizou o teatro comico em Portu- gal.

E se o livro não encontrou em Portugal o acolhimento entusiastico a que tinha direito, o autor deve sentir-se bem compensado com a entusiastica recepção que lhe foi feita em todo o resto do mundo.

Que importa a opinião do sr. Marcos Algarve e as restricções laudatorias do sr. Caetano de Sousa?

Por acaso esses dois distintos poetas serão mestres de critica? Quem sabe se no fundo das suas almas claras se não ancorou, tenue mas tenaz, o escalracho da inveja, sem eles mesmo sentirem e sem eles mesmo quererem?

A inveja disfarça-se, sóbe, grimpa, sem a gente mesmo dar por ela. Quando é necessario até vive em symbiose com sentimentos bons e que a gente supõe incapazes de alimentar tão vil microbio!

Isto é uma hipotese bem merecida em frente do carinho, dos extremos disvelos animadores com que até agora a critica tem recebido as notaveis produções do operoso e illustre moço artista como elle a si mesmo se intitula no seu jornal, e da forma dura como agora foi recebida a serenata de Mefistofeles.

Versos maus? Todos os poetas bons os fazem, sem querer, julgan- do que são dos melhores.

E como eu sou, como o sr. Marcos Algarve, um sincero que nunca olho ao preço que me custam as verdades, que digo, quero citar exemplos que colhem, aos dois unicos criticos portugueses que até agora tiveram a coragem de apreciar a ultima criação literaria do sr. Dias Sancho. Ahi vae o primeiro:

Na poesia «O farol da minha terra», que o sr. Marcos Algarve, publicou no «Correio do Sul» ha estes versos que não são bons por

(Continua).

mais qua quieram convencer-me do contrario:

«Mesmo o calor fê-la cruel e injusta; Chagas abertas para um peito helénico! Sofrer uma injustica tanto custa, E eu, nesse dia, estava neurasténico!»

Pouco dormira ou sem sequer dormir, Nessa penosa noite abafada, Era o passado o que a saudade vira, Eu pequenino na primeira missa?

Ora melhor que isto ha na Serenata de Mefistofeles, do sr. Dias Sancho, que, coitado, humilde e modesto na resposta ao sr. Marcos, se roja pelo chão com a cabeça cheia de cinza e pede mais palmatoadas e mais nalgadas ao magister ferulento e terrível!

José Dias Sancho, que todos supunham um iconoclasta, pelos seus raris audaciosos e funebremente metralhadores, não chama o dos consagrados, tem para com o sr. Marcos Algarve humildade que deixa completamente desorientados todos os que lhes conhecem a ou- sadia.

Diz ele, na sua lamentosa queixa, derrado e sentido:

«Pobre de mim para aqui fiquei num montão, esfarrapado, amachucado, miseravel!»

Ora isto é lamento que não cabe dentro do Mefistofeles, que sempre sahii de todas as rascadas com riso de escarneo e ameaças de vingança.

E ninguem vae agora acreditar que o homem que demoliu o satânico Forjaz de Sampaio e que sem cerimonia matou o sr. Julio Dantas, ficaria assim choroso e maguado perante o sr. Marcos Algarve, que, muito distinto, não é ainda da estatura daquelles dois grandes vultos literarios.

Temos, portanto, de acreditar que todos aqueles protestos de humilha- de e de contrição e todos aqueles respeitos exagerados ao sr. Marcos, não passam de uma grande troça do espirito mefistofelico do sr. Saecho que assim arranjou uma chuchadeira de cair ao Mestre como ele lhe chama.

Nem outra coisa era de esperar. E, senão, veja-se, o contraste entre a missiva trocista ao sr. Marcos Algarve, e o elogio ás faculdades do «distinto confrade», Manoel Caetano de Sousa.

parte escrita como na oral são feitos por ordem alfabetica, porque assim o marca a rotina e comodidade de arrumação dos que superintendem nesse servico.

Ora como entre a parte escrita e a parte oral meedia para muitas candidaturas bastantes dias de espera, succede que um candidato pobre de Lagos, por exemplo, é obrigado por esse facto a fazer despesas que as suas posses não comportam. Isto não pode, nem deve continuar. Os candidatos devem ser classificados para os efeitos da realização das provas, em harmonia com a distancia dos concelhos a que pertencem. E' preciso que em Portugal o contribuinte occup o logar que lhe compete em relação como empregado, com o burocrata a quem paga. Os senhores professores do liceu parece que, como todos os outros se esquecem desse facto, e põem a sua comodidade acima da dos contribuintes que lhes pagam em vez de procurar conciliar as duas numa colaboração harmonica e mutua. Estamos certos que o não fazem de proposito e por isso procuraram de futuro reparar a falta que apontamos.

Os exames de admissão

Não sabemos quem dirigiu o servico dos exames de admissão no liceu de Faro, o que nos parece é que tal servico é pessimo, não só este ano mas já no ano passado o foi tambem.

Veem crianças de muito longe fazer exame e veem muitas creanças pobres. Os exames tanto na

NOTAS

COMENTARIOS

Abriu o parlamento... Teremos governo por muitos dias? Não Sabemos. O que sabemos é que injustamente se tem movido uma guerra de morte ao governo do sr. Barros Queiroz.

De D. Tereza Ramalho d'Abreu Otigão, um cabeção em tule e um cinzeiro de louça. De D. Maria Victoria Sanches Inglez e familia, um par de castiças. uma almofada de seda, dois frascos de cristal e mas tres prendas.

ao seu caracter e ao seu meio social; de o convencer das vantagens proprias em se portar bem, de o seguir durante algum tempo, muito tempo mesmo, em todos os seus esforços, por mais insignificantes que pareçam.

ostenta orgulhosamente a sua fisionomia alegre e tranquila. Faro, julho de 1921. Joaquim da Cruz Azevedo (1) — Devida ao abandono que este historico monumento foi votado sabemos terem desaparecido algumas das preciosas reliquias acima mencionadas.

Empreza Funeraria Farense DA VIUVA & FILHOS

Francisco Vicente Fernandes FARO

NAO COMPREM sem consultarem os nossos preços, pois duvida esta casa quem MAIS BARATO vende NÃO VOS DEIXEIS ILUDIR por individuos de poucos e pulos que muitas vezes antes do infeliz enfermo ter falecido já pedem o seu funeral

DESEJANDO AUXILIAR AS CLASSES POBRES esta oferece sempre que seja necessario, uma das suas carretas ABSOLUTAMENTE gratis e publicamos uma tabela de preços caixões para que se possa confrontar com os de outra qualquer casa neste genero.

Tabela de preços

Table with 2 columns: Description of coffin types (e.g., Caixões forrados de chita lisa) and their prices (e.g., desde 3400 até 15800).

Tambem nos encarregamos de funeraes em qualquer terra provincia, bastando para isso ser prevenidos em telegrama

Fazem-se transladações para qualquer parte do paiz garantindo a maxima ordem em todo o serviço

E' empregado desta casa o sr. Francisco Macedo que qualquer esclarecimento.

Chamadas a qualquer hora da noite 13, 15 Largo Baleizão 17 19

EDITOS

Primeira publicação No juizo de direito da comarca de Faro, cartorio do 4.º officio e na açõo de justificação para entrega de bens, em que é requerente o dr. João Gago Nobre, como legal representante de seus filhos menores Albertina Mascarenhas Nobre, Viviana Mascarenhas Nobre e Arthur Merlin Nobre, moradores em Faro, correm editos da seis meses; a contar da ultima publicação deste anuncio no «Diario do Governo», citando o ausente José dos Reis Mascarenhas, natural do Estoi, como legatario instituido no testamento com que faleceu D. Maria do Carmo Mascarenhas, para na segunda audiencia posterior a este prazo, vir a este juizo, ver auctar a citação e marcar-se o dia e prazo de tres audiencias para contestar o pedido, em que, presumindo-se ter o mesmo ausente falecido antes da testadõra, os requerentes pretendam que lhes sejam entregues os bens que haviam sido legados ao citando com a condiçõo de que falecendo este, sem descendentes, antes da testadõra, os mesmos bens são deixados aos requerentes.

José Alves de Matos

Por telegrama da Merceana sabe-se ter falecido ali no dia 5 do corrente, de tuberculose pulmonar de que ha muito soffria, o sr. José Alves de Matos, farmacutico naquella vila e irmão dos srs. Antonio Alves de Matos, comerciante nesta cidade e Francisco Alves de Matos, negociante em Lisboa.

Alguns aspectos DA questão social

Um dos mais palpitantes assuntos, cuja soluçõo interessa mais profundamente a toda e qualquer sociedade que procura robustecer-se moralmente, é, sem duvida alguma, o problema da repressão da criminalidade infantil.

Cronica literaria

ALBUFEIRA

Não é só nesta achada porta que existem as armas da vila. Acham-se tambem sobre a entrada exterior da camara e no tecto da sala das sessões, que foram retocadas em 1807.

NOTICIAS PESSOAES

Tem experimentado sensiveis melhoras o sr. Augusto de Jesus Maria Alves. —Está veraneando em Bias, nas proximidades da Fuzeta, a familia do sr. Joaquim Candido Cunha, director gerente da companhia Cine-Theatro Farense.

HA 44 ANOS D'O Districto de Faro de 2 de agosto de 1877

De Lisboa, onde se acha estudando, chegou no dia 30 de julho, depois de haver feito exame de que saiu aprovado com distincção, o nosso talentoso patricio João dos Reis Lopes Stromp, que vem passar as ferias na companhia de sua extremosa familia.